

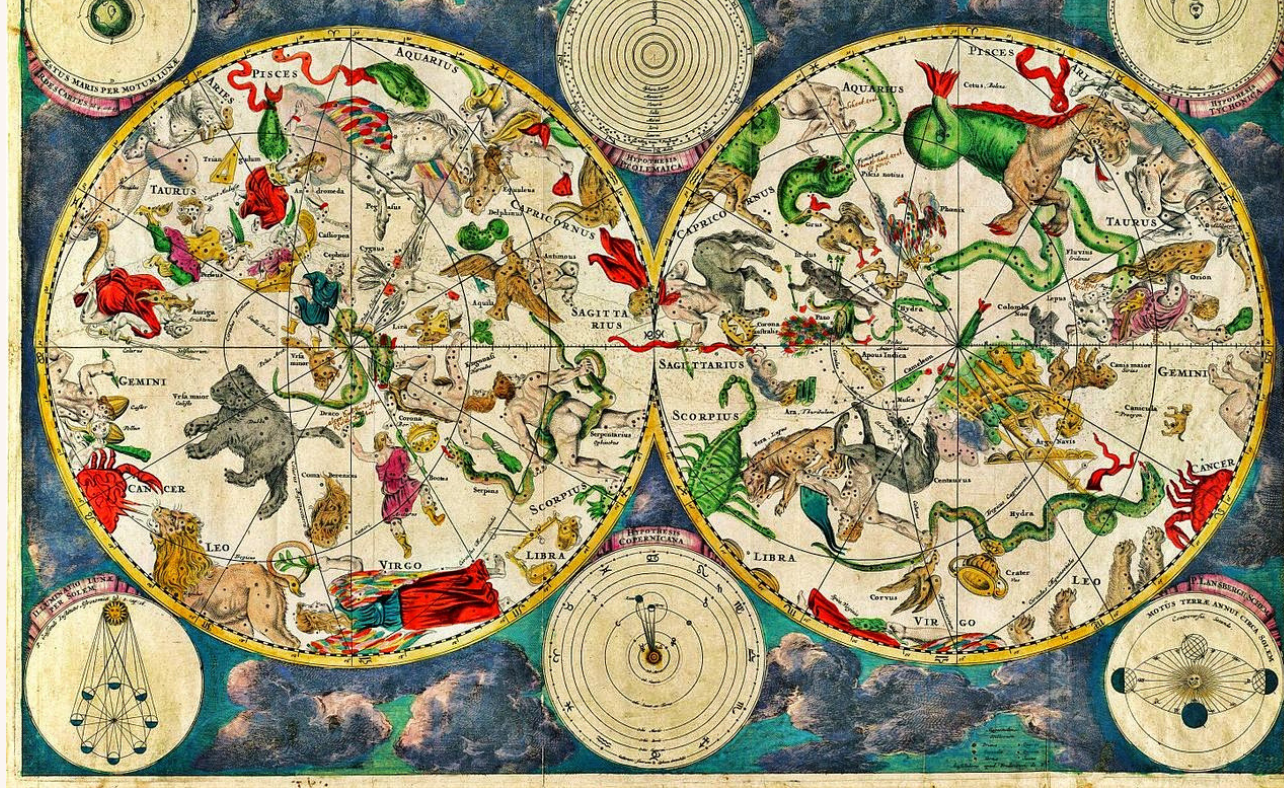
ALGORAB

SOB OS AUSPÍCIOS MITOLÓGICOS DO CORVO

POR CATARINA SPAGNOL E NICOLE ZEGHBI



Algorab é a estrela alfa da constelação do Corvo e está simbolicamente ligada a esse pássaro. O corvo foi estigmatizado, em diferentes civilizações e períodos, pelo mau agouro, sendo desde muito tempo sinônimo de acontecimentos sombrios. Quais os mitos por trás dessa e de outras significações até hoje a ele associadas? São visíveis na narrativa do mapa a ponto de serem incluídas no enredo como testemunhos das estrelas fixas?



Estrelas fixas

Seu poder sobre os acontecimentos na Terra já era reconhecido na Babilônia por volta de 1700 A.C e apesar de associadas à mitologia grega, a maioria é proveniente das grandes civilizações da Mesopotâmia. Os gregos utilizaram como referência textos mesopotâmios que listava mais de 30 constelações, contendo também observações sobre suas posições e movimentos.

As estrelas fixas, assim nomeadas pela lentidão com que se movimentam no céu, são ferramentas importantes na leitura astrológica, produzem efeitos poderosos, inalcançáveis aos planetas e enriquecem a costura do enredo, matizando a natureza desses astros com sua significação. Entretanto, para que haja assertividade ou efetividade das influências indicadas pelas estrelas é necessário que estejam em acordo com o testemunho da carta, pois

sendo os planetas veículos da ação ou intérpretes do enredo apresentado pelo mapa, se as estrelas não obtiverem seu apoio, por mais poderosas que sejam, suas influências ficarão na promessa.

A astrologia clássica determina que as estrelas devem estar em conjunção ou oposição aos planetas e pontos importantes do mapa, como o ascendente e o MC, para ativação de seus efeitos, mais poderosos quando os aspectos acontecem nos ângulos.

A força e a importância de uma estrela dependem de sua magnitude, relacionada com a visibilidade e o brilho. Classificadas em uma escala de 1 a 6, as estrelas de primeira magnitude são as de maior brilho e as que estão além da sexta magnitude não são mais visíveis a olho nu, o que anula sua importância astrológica. São consideradas relevantes as estrelas com magnitude entre 1 e 3 com exceção à sazonalidade de algumas estrelas variáveis, como Algol.



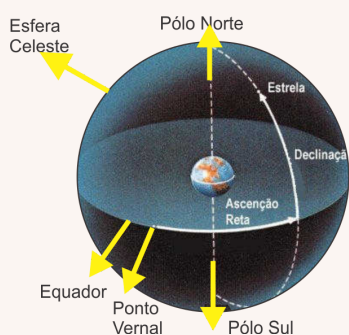
Como não há consenso sobre o grau de proximidade a ser considerado no aspecto com as estrelas fixas, será adotada aqui a regra utilizada pela maioria dos astrólogos, 3° em ascensão reta e de 1° em declinação. O parâmetro de modulação para ascensão reta é definido pela magnitude da estrela, sendo até 3° para as de primeira magnitude, até 2° para as de segunda magnitude e de até 1° para as de terceira magnitude. É certo que quanto mais próximo o aspecto, mais poderosos os efeitos da estrela.

As estrelas fixas foram agrupadas em constelações de acordo com sua natureza. A semelhança entre a natureza de uma estrela com a de um ou dois planetas é determinante à sua significação simbólica e à sua interpretação. Spica, por exemplo, é da natureza de Vênus e Marte, assim,

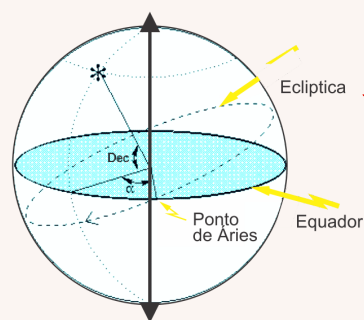
na interpretação deverá ser considerada a natureza de cada um desses planetas.

Em linhas gerais, os efeitos de uma estrela no mapa dependem de sua magnitude, exatidão do aspecto, natureza do planeta associado à sua atuação e condições gerais do mapa. A simbologia mitológica costuma ser preterida na interpretação, sendo adotadas, automaticamente, apenas as significações simbólicas pertinentes à natureza planetária da estrela.

Por meio das várias vertentes mitológicas do corvo, expostas aqui, pretende-se evidenciar, a partir de breve análise dos mapas de Josef Mengele e Brandon Lee, a influência da mitologia sobre os significados das estrelas fixas nos mapas astrológicos.



A declinação é definida como o ângulo entre o plano equatorial e a direção à estrela, e a ascensão reta é o ângulo medido sobre o equador, com origem no meridiano que passa pelo ponto Vernal (início de Áries), e extremidade no meridiano do astro. A ascensão reta varia entre 0° e 360° , aumentando para leste.



O CORVO

NA MITOLOGIA



Tippi Hedren em "Os Pássaros"



**"Que esse grito nos aparte,
ave ou diabo!", eu disse.**

"Parte!

Torna à noite e à tempestade!

Torna às trevas infernais!

**Não deixes pena que ateste a
mentira que disseste!**

**Minha solidão me reste! Tira-
te de meus umbrais!**

**Tira o vulto de meu peito e a
sombra de meus umbrais!"**

Disse o corvo, "Nunca mais".

Edgar Allan Poe



Como é comum em narrativas míticas, a figura do corvo apresenta diferentes versões, que serão apresentadas ao longo dessa reflexão.

A primeira delas conta que Corônis, que era filha de Flegias, rei dos lapitas e irmão de Ixiôn, costumava passear nas margens do lago Beobes, na Tesalia, onde lavava os pés.

Foi em um desses momentos de descontração, que ela foi avistada por Apolo, o belo deus do Olimpo, que era filho de Zeus (Júpiter) e de Latona (Leto), e irmão de Diana (Ártemis).

Consta que Apolo era um deus de inúmeras qualidades e com atributos tão complexos que era missão quase impossível relacioná-los entre si. De modo geral, Apolo é associado com o simbolismo da luz, mas a ele também era atribuído o amadurecimento dos frutos e a proteção das colheitas contra camundongos e pragas, assim como a proteção dos rebanhos. Entretanto, as habilidades de Apolo não paravam por aí: ele era um hábil arqueiro e as suas flechas tinham o poder de afastar as doenças. Por outro lado, as mesmas flechas que

curavam, também eram capazes de causar aos homens a morte súbita. Para finalizar, vale mencionar que Apolo também era associado às profecias e à música.

Esse deus de múltiplos atributos, com um simbolismo tão rico, que desfrutava de grande prestígio no Olimpo a ponto de todos se curvarem em sinal de respeito, encantou-se pela bela Corônís.

Casaram-se e certo dia, enquanto Apolo ia para Delfos resolver alguns assuntos, deixou um corvo de plumas brancas como a neve para vigiá-la. Mas Corônís não mandava em seu próprio coração, e nutria desde muito tempo uma paixão secreta por Isquis, o filho arcadio de Elato.

Embora já grávida de Apolo, ela ousou encontrar-se com o seu amado Isquis. A razão pela qual Corônís preferiu Isquis a Apolo não é clara. Segundo algumas versões, ela estaria noiva de Isquis, que era seu primo, por vontade do seu pai.

Para outros, ela temia o desprezo dos homens por ser amante de um deus e teria optado pelo casamento com um mortal.

O fato que interessa a essa reflexão é que o corvo presenciou o encontro amoroso e correu entusiasmado para Delfos informar Apolo sobre o ocorrido. Porém, Apolo já estava ciente do amor que Corônís sentia por Isquis e ao invés de elogiar a vigilância do corvo, o deus o amaldiçoou por não ter-lhe arrancado os olhos assim que se aproximou dela. Essa maldição fez com que o corvo ficasse negro e desde então todos os seus descendentes nascem da mesma cor. (1)

Além de amaldiçoar o corvo, a fúria de Apolo também fez com que queimasse Corônís por seu amor ilegítimo com Isquis. Entretanto, ele não abriu mão do seu filho, Asclépio, e entregou-o para ser educado por Quirón no aprazível e regenerador monte Pélion,(2) onde lhe foi ensinada a arte da cura.





Nesse ponto, é interessante ressaltar que Quíron era filho de Cronos (Saturno) e da ninfa Filira, pelos quais foi abandonado, sendo então achado e criado por Apolo, que lhe transmitiu todos seus conhecimentos. Quíron é considerado o último dos centauros, famoso por sua inteligência e bondade, sendo possuidor de grandes habilidades médicas. (3)

Algumas variações do mito narram que Corônis, ao invés de ter sido queimada por Apolo, foi liquidada a flechadas por Ártemis, a pedido do irmão.(4)

Versões da narrativa à parte, o fato é que depois de todo o fatídico incidente, Apolo ainda pretendia conservar o corvo como um emblema da adivinhação, mas os sacerdotes se opuseram a isso.

Para eles, a adivinhação do sonho era um meio mais simples e eficaz de diagnosticar as doenças dos enfermos do que o som enigmático das aves.(5)

Após ter perdido a mãe pela voz difamadora do corvo, Esculápio cresceu e transformou-se em um poderoso curandeiro e fez tais progressos na medicina, que chegou mesmo a ressuscitar vários mortos. Conta-se que ele trouxe Glauco - filho de Sísifo - novamente para a vida e por isso, foi calcinado por Zeus num ataque de inveja.(6) Outras versões do mito contam que Zeus fulminou Asclépio a pedido de Plutão, o deus do submundo, que estava com medo de que o poder de ressuscitar os mortos pudesse prejudicar seriamente a ordem do mundo. Entretanto, apesar da morte violenta, Asclépio foi divinizado.(7)

A segunda versão da narrativa mítica sobre o corvo conta que Apolo, ordenou à sua ave de estimação que lhe fosse buscar água de uma nascente distante para matar a sua sede. A água deveria ser trazida numa taça (que é a origem por trás da constelação de mesmo nome). No entanto, o corvo encontrou no caminho uma figueira com figos verdes, não resistiu e decidiu aguardar até que amadurecessem para devorá-los. Porém, quando chegou à nascente, ao ver uma cobra d'água, lembrou-se que estaria em sérios apuros com Apolo e engendrou uma desculpa para justificar a sua demora: contou ao deus que a presença da cobra havia o obrigado a esperar para recolher a água. Só que Apolo era um deus de muitos atributos e entre eles, estava o poder de ver através da mentira. Assim, o deus, como castigo, colocou o Corvo, a Hidra (a cobra d'água) e a Taça no céu, dando ordens à cobra para nunca deixar que o corvo alcançasse a água, de forma que este estivesse fadado a sentir sede por toda a eternidade.



Apolo



Apolo e Corônis

(1) Graves, Robert. Los Mitos Griegos. p.193.

(2) Brandão, Junito. Mitologia Grega, volume 2. p. 90.

(3) Bulfinch T. O Livro da Mitologia. 4ed. , Marin Claret, São Paulo, 2011, 467p.

– Edelstein EJ, Edelstein L. Asclepius. Collection and Interpretation of the Testimonies. The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1998, vols I, II, 470p, 277p.

– Guirand F. Greek Mythology. Paul Hamlyn, London, 1965, 153p.

(4) Brandão, Junito. Mitologia Grega, volume 2. p. 90.

(5) Graves, Robert. Los Mitos Griegos. p.197.

(6) Graves, Robert. A deusa branca, uma gramática histórica do mito poético. P. 71.

(7) Brandão, Junito. Mitologia Grega, volume 2. p. 90.

Alguns complementos essenciais

Além das duas versões anteriormente narradas do mito, algumas curiosidades sobre a figura do corvo são essenciais para que seja possível traçar paralelos e construir a narrativa astrológica nos mapas que serão apresentados na última parte dessa reflexão.

De acordo com uma das versões apresentadas anteriormente, a figura mítica do corvo está inserida no contexto existencial de Apolo, Corônis e Esculápio. Dentro da estrutura da narrativa, o corvo foi sacrificado porque não agiu segundo as expectativas de Apolo, mas não deixou de cumprir a sua função, que era ser o portador de uma verdade para alguém que não estava presente em uma situação. O corvo voou e carregou o agouro de que Corônis não amava Apolo, mas sim Isquis.

Robert Graves, na obra "A deusa branca - uma gramática histórica do mito poético", traça um enriquecedor paralelo entre a narrativa mítica de Esculápio e de Bran, um dos deuses da mitologia nórdica, cuja nome significava gralha ou corvo ou amieiro.



Segundo Graves, é possível afirmar que as duas ascendências de Esculápio o relacionam com a figura do corvo, tal como Bran. A primeira relação se deve ao fato dele ser filho de Corônis, palavra que etimologicamente significa corvo ou gralha, que coincidentemente é o título da deusa Atená. A segunda relação da ascendência com o corvo é em virtude do pai Apolo e coincidentemente, o corvo era consagrado a ambos.(8)

A imagem de Esculápio está diretamente relacionada com a cura e como já foi mencionado no tópico anterior, o dom de ressuscitar os mortos não foi bem visto pelos deuses e foi a razão da sua morte, de igual forma, Bran também foi destruído pelo inimigo Evnissyen, que o invejava por ter elaborado uma poção mágica capaz de trazer de volta à vida Matholwch, que era o rei da Irlanda.(9)



Apolo, salva Asclépio e castiga Corônis

Tanto Bran como Esculápio eram semideuses, com numerosos santuários e ambos foram considerados padroeiros de curas e ressurreições.

Mas além dessas narrativas, há também outros possíveis desdobramentos interessantes que podem ser feitos sobre a figura mítica do corvo. Robert Graves conta que Bran era uma divindade-corvo que pode ser facilmente associada a Cronos, pois sua foice apresenta semelhança evidente com o bico de um corvo. Outra associação possível entre Cronos e Bran é o fato do primeiro, assim como Asclépio e Apolo, ser frequentemente representado em companhia de corvos ou outras aves, pois nos tempos primitivos não havia uma distinção evidente entre corvo, gralha e outros pássaros negros que se alimentavam de carniça.(10)

Por fim, o último argumento de Graves para estabelecer uma ligação de Cronos com a figura do corvo está na linguagem.



(8) Graves, Robert. A deusa branca, uma gramática histórica do mito poético. P. 71.

(9) Graves, Robert. A deusa branca, uma gramática histórica do mito poético. P. 71.

(10) Graves, Robert. Los Mitos Griegos. p.36.

(11) Graves, Robert. A deusa branca, uma gramática histórica do mito poético. P.145.



Ele afirma que embora os gregos posteriores quisessem pensar que o nome chronos significasse tempo, pois qualquer homem velho era chamado de Cronos, a derivação mais provável para a palavra era da raiz de cron, ou corn, que dá ao grego e ao latim palavras para corvo - corone e cornix.

Diante dessas considerações, o que importa é que Bran, Cronos, Saturno, Esculápio e Apolo possuem suas imagens associadas à morte e o modo como a morte se introduziu no mundo e o que virá depois dela sempre foram os grandes temas da discussão religiosa e filosófica.(11)

O corvo em outros textos mitológicos

Sacrifícios rituais e destituições à parte, o corvo aparece ainda em muitos poemas, contos e outros textos mitológicos.

Em “Os trabalho e os dias”, o poeta Hesíodo escreveu: “Observa quando ouvires a voz do corvo que grasna todo ano do alto das nuvens; ela traz o sinal para arar e para o tempo do inverno chuvoso aponta, e morde o coração do homem sem bois. Já então engorda no curral os bois de chifres recurvos. Pois é fácil dizer: “dá-me dois bois e um carro”, mas fácil recusar: “mas os bois têm trabalho a fazer”. O homem rico em ideias pensa em construir um carro: tolo! Não sabe que um carro se faz com cem tábuas, e que antes vem o cuidado de juntá-las em casa.” (12)

Na obra “Metamorfose” de Ovídio, a ave negra também está presente. Eis os trechos onde é possível encontrar a menção à figura do corvo: “(...)

Anuíram os deuses do mar; a Satúrnia sobe ao límpido céu no ágil carro içado pelos pavões recém-tintos, ao morrer Argos, qual, há bem pouco, ó **corvo loquaz**, antes branco, de repente mudaste em ave de asas negras. Outrora, ela era argêntea e de alvas penas nas asas, igualando-se a pombas sem mácula, aos gansos, cuja vígil voz o Capitólio salvaria, e ao cisne amante dos riachos. A língua foi sua perdição; língua loquaz causou-lhe a troca da cor branca na contrária. Em toda Hemônia não havia outra mais bela do que Corone de Larissa; ela, a ti, Delfico, aprouve, ao menos quando casta ou não flagrada; porém a **ave de Febo** flagrou o adultério e, inexorável delatora, foi contar a oculta culpa ao dono; movendo as penas para tudo saber, diz, a gárrula gralha, enquanto o segue: “não palmilhas boa trilha, considera o que minha língua pressagia. Vê o que fui e o que sou, qual prêmio, e verás que a boa-fé me foi nefasta. Certa vez, Palas fechara Erictônio, ente sem mãe, numa cesta tecida com vime da Ática, e o confiou às três filhas do biforme Cécropo com a proibição de espiarem o segredo. (13)



(...) De fato, ela é ave, mas cônica da culpa, evita a luz e no breu o pudor oculta e é repelida em todo céu por todas". Dito isso, o corvo exprobra: "que tuas palavras te desgracem; desdenho dos teus vãos presságios". E prosseguindo em seu caminho, conta ao amo que viu Corone se deitar com jovem Hemônio. Ao saber desse ultraje, ao deus amante escapam a coroa de louro, o plectro e a cor do rosto, e, com o coração referendo de cólera, pega as armas de sempre, estende o curvo arco ao extremo e aquele peito tantos vezes unido ao seu trespassa com seta certa. (...) Mas, após espargir perfume inútil nela, e abraça-la, prestando-lhe devidas honras, Febo, não suportando o fruto virar cinza, arrebatou do ventre em chamas o seu filho e o levou à caverna do biforme Quíron; e ao corvo, que esperava prêmio à veraz língua, vetou de viver entre as aves de alva cor." (15)

Epicteto, em Encheirídion, menciona o corvo: "Quando um corvo crocitar maus auspícios, que a representação não te arrebate, mas prontamente efetua a distinção e diz: "Isso nada significa para mim, mas ou ao meu pequenino corpo, ou às minhas pequeninas coisas, ou à minha reputação, ou aos meus filhos, ou à minha mulher. Se eu quiser, todas as coisas significam bons auspícios para mim – pois se alguma dessas coisas ocorrer, beneficiar-me delas depende de mim". (16)

Os corvos também aparecem na obra de Plutarco, nos trechos transcritos a seguir: "(...) Fez um funeral muito sentido a Filagro, seu mestre, e colocou no túmulo um corvo em pedra, ao que Cícero reagiu, dizendo: "Este, sim, foi um acto sábio, pois ele ensinou-te mais a voar do que a falar.". Quando, num julgamento, Marco Ápio iniciou o seu discurso, dizendo que um seu amigo lhe recomendara que fosse cuidadoso, eloquente e credível, Cícero disse: "Então és um homem duro como o ferro, pois nada fizeste do que o teu amigo recomendou." (17)



(...) O lugar tem também um pequeno templo de Apolo, sobranceiro ao mar. Daí bandos de corvos levantaram voo, grasnando agudamente, e aproximaram-se do barco de Cícero quando este se dirigia para terra e, colocando-se nos dois lados da verga, uns grasnavam, os outros bicavam as extremidades das cordas. E a todos isto pareceu um mau presságio. Então Cícero desembarcou, entrou em casa e deitou-se para descansar. A maior parte dos **corvos** empoleirou-se à janela, soltando tumultuosos grasnados, mas um deles conseguiu chegar ao leito onde Cícero se encontrava coberto com um pequeno manto e, aos poucos, com o bico, destapou-lhe o rosto. Os servos, ao verem tal coisa, censuraram-se por estarem, como espectadores, à espera que o seu amo fosse morto, sem o defender, enquanto os animais vinham em seu socorro e apoiavam-no nesta desgraça imerecida. Então, pela persuasão e pela força, pegaram nele e começaram a levá-lo na liteira em direcção ao mar.” (18)

(12) Hesíodo. Os trabalhos e os dias. P. 109.

(13) Ovídio. Metamorfose. P. 79

(14) Ovídio. Metamorfose. P. 81

(15) Ovídio. Metamorfose. P. 82

(16) Epicteto. Encheiridion. P. 27. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/816/721>. Último acesso em 05.08.2018

(17) Plutarco. Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/2405/9/plutarco_vidas_demostenes.pdf?ln=pt-pt Último acesso em 05.08.2018. P. 144

(18) Plutarco. Vidas Paralelas - Demóstenes e Cícero. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/2405/9/plutarco_vidas_demostenes.pdf?ln=pt-pt Último acesso em 05.08.2018. P. 175 - 176